

AESCOA: Uma experiência extensionista síncrona Brasil afora

AESCOA Una experiencia de extensión sincrónica en todo Brasil

Sessão Temática 5: Lutas urbanas e práticas insurgentes

PAESE, Celma; Doutora em Arquitetura; Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas – FAURB-UFPEL – RS

celmapaese@hotmail.com

DEBIAZI, Pedro Renan

Mestre em Engenharia Urbana, Professor da Faculdade Capital Federal – FECAF, Taboão da Serra - SP

Arq.pedrodebiasi@gmail.com

VIANNA, Diego Fonseca Brasil

Mestre em Arquitetura;, Campinas - SP

dibravi@gmail.com

Resumo

Relatamos nesse artigo a experiência da AESCOA – A Escola Aberta pensada para ser uma escola de caráter extensionista síncrona e híbrida que, apesar da breve trajetória, fez com que os envolvidos pensassem em novas e diferentes formas de práticas extensionistas, que envolvessem diferentes realidades brasileiras. O artigo começa com uma breve explanação do pensamento pedagógico dos envolvidos, objetivos, propostas e atividades da escola. Continua colocando a experiência e os resultados do curso Cartografia, desconstrução e cidade, realizado no contexto do início da pandemia do Covid-19, em ambiente síncrono, com alunos de diferentes localizações geográficas do Brasil. Concluimos com reflexões sobre a experiência e seus resultados para pensar a extensão.

Palavras-Chave: Práticas extensionistas, Ensino da arquitetura e urbanismo, Cartografia da Hospitalidade.

Abstract

In this article, we report on the experience of AESCOA - Open School designed to be an extension school of synchronous and hybrid character that, despite its short life, made those involved think of new and different ways of extension practices. The article starts with a brief

explanation of the pedagogical thinking of those involved, objectives, proposals and activities of the school. It continues by placing the proposal, practices and results of the course Cartography, deconstruction and city, carried out in the context of the beginning of the Covid-19 pandemic, in a synchronous environment, with students from different geographical locations of Brazil. We end with reflections on the experience and a brief conclusion.

Keywords: Extension practices. Teaching architecture and urbanism. Cartography of hospitality

1. Contexto

Com a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018¹, as práticas extensionistas consagraram-se como atividade definitivamente integrada ao ensino e pesquisa, consolidando o trinômio que sustenta o ensino superior brasileiro. O coletivo de ensino Escola Aberta – Aescoa – surgiu da inquietação a respeito do papel proposto às práticas extensionistas a partir dessa resolução e do seu reflexo no contexto dos cursos de arquitetura e urbanismo, em um paralelo entre Porto Alegre – RS e São Paulo – SP. A concepção da Aescoa tinha como fio condutor a busca de práticas que possibilitassem a esperança em uma sociedade urbana mais justa, fraterna e equilibrada. Essas ações seriam somadas ao ensino da arquitetura e do urbanismo, através de prática coletivas que emergem da economia criativa, do pluralismo cultural e da resistência social e política dos diferentes.

O pensamento pedagógico dos idealizadores e colaboradores envolvidos, partia do princípio de que ensinar não é transferir conhecimento, e sim, criar as possibilidades para a sua produção e construção (FREIRE, 1999), através da ampliação dos debates sobre o papel do arquiteto urbanista na produção do espaço urbano do Século XXI, como agente de uma sociedade mais justa, equânime, fraterna e equilibrada.

A ponte entre a academia e a sociedade se daria, portanto, pela conexão entre demandas socialmente exigidas e as inovações que emergem das comunidades acadêmicas. Dentro deste contexto, as práticas extensionistas promovidas pela Aescoa basearam-se em duas premissas:

- a) Extensão como manifestação político-pedagógica que se dá por meio da aplicação dos conhecimentos teóricos em contextos reais, possibilitando a aprendizagem por meio do convívio em múltiplos cenários sociais.

¹ A Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, regulamentou a curricularização da extensão nas instituições de ensino superior brasileiras e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. A Resolução estabelece que a extensão universitária deve ser considerada como atividade integrada ao ensino e pesquisa, com a finalidade de contribuir para a formação de cidadãos e profissionais, bem como para a promoção do desenvolvimento social, econômico, político, cultural e tecnológico do país. A Resolução fixou as diretrizes para a implementação da curricularização da extensão para assegurar a sua inserção na proposta pedagógica das universidades. Ver em:

- b) Extensão como aproximação entre academia e sociedade, em que aescoa leva o conhecimento à sociedade, ao tempo em que recebe desta a contribuição para o aprimoramento dos processos formativos, em decorrência da vivência com a dimensão real da sociedade, em toda a sua complexidade.

Dessa forma, a prática da extensão focaria na responsabilidade social no processo de formação de profissionais, onde o desenvolvimento da consciência social e a transmissão de valores que se expressam em relacionamentos pautados na ética, no respeito às diferenças e no comprometimento com a construção de uma sociedade digna e justa, seriam prioridade. Para isso, pretendíamos colocar o aluno o aluno frente ao Outro e suas necessidades, realizando visitas, cursos, ofertando serviços, promovendo eventos, divulgando publicações, colocando inovações tecnológicas e conhecimentos gerados pela pesquisa à disposição da população.

Para trilhar esse caminho em atividades de extensão em arquitetura, urbanismo e áreas afins, em um país multicultural como o nosso, é essencial que o discente se abra ao processo de aprendizado de uma contínua troca e permeabilidade de conhecimento e saberes, e que, ao mesmo tempo, transmita a segurança necessária aos alunos, para que esses tenham alegria em compartilhar e aprender, com amor e esperança para seguir seus caminhos.

Para dar materialidade as práticas extensionistas da Aescoa foram traçados, inicialmente, três modalidades de cursos de extensão:

- a) Ateliê aberto: Oficinas práticas de projeto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e de design, com objetivo de propor soluções humanizadas e coerentes com a realidade social e geográfica. Professores convidados conduzem desafios e aulas práticas de projeto em diversas escalas. O ateliê aberto é a consolidação do propósito educacional da escola. Cursos teóricos e teórico-práticos também se enquadram nesta categoria.
- b) Aula aberta: Aulas teóricas, palestras, seminários e comunicações abertas à sociedade, injeções de adrenalina, criatividade e colaboração para o desenvolvimento sustentável, ativando pessoas, para que possam ativar espaços e territórios, gerando valor cultural e econômico para as comunidades. Todos os cursos de aula aberta são gratuitos.
- c) Ateliê Deriva: Passeios, visitas técnicas e viagens de estudos. Imersão e cartografias por novos e velhos caminhos, ao sabor do acaso, achados e perdidos costurados na cidade, nos corpos e nas paisagens.

Com a pandemia, a escola passou a rever suas estratégias e criou possibilidades de cursos e eventos em ambiente síncrono. Em seu período ativo, a Aescoa promoveu os cursos²:

² Os cursos não foram gravados no canal do YouTube. A escola guarda em seu acervo os planos de aula e demais documentos – nota da autora e autores

- a) Aula Aberta: A democracia e o espaço - Conhecendo o estatuto da cidade: Aula aberta e gratuita ministrada pelo professor Pedro Renan Debiazi, transmitida de forma síncrona para 60 pessoas em maio de 2020.
- b) Ateliê Aberto: Cartografia, Desconstrução e Cidade. Ministrado pela professora Celma Paese, transmitida de forma síncrona entre os meses de junho e julho de 2020 para 16 alunos pagantes e 4 alunos bolsistas do programa de bolsas sociais mantidos pela escola aberta.
- c) Ateliê Aberto: Consumo cidade - A cidade como elemento de consumo. Ministrado pelo professor Juan Munõz entre julho e agosto de 2020, transmitida de forma síncrona para 16 alunos pagantes e 4 alunos bolsistas do programa de bolsas sociais mantidos pela escola aberta.

Além dos cursos citados, a Aescoa também promoveu uma conversa com o Prof. Fernando Fuão e Educadora Social Maristani Moura, coordenadores da experiência da Ksa Rosa, projeto de extensão da FA UFRGS que foca no auxílio da comunidade de catadores e papeleiros na cracolândia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (2020)³.

A escola ainda corroborou para a elaboração e execução dos eventos:

- a) 1º e 2º FAZER Patrimonial – Fórum da Ação, Zeladoria, Educação e Resistência patrimonial: Evento nacional que reuniu professores, pesquisadores e profissionais de diferentes partes do Brasil para discutir como pensar a arquitetura e o urbanismo aliados com a produção cultural e a memória coletiva (2020)⁴.
- b) Seminário Perspectivas Contemporâneas Para O Ensino De Arquitetura: Evento nacional que reuniu professores e pesquisadores para discutir os caminhos do ensino da arquitetura frente ao sucateamento do ensino superior brasileiro e a expansão do ensino a distância e suas fragilidades metodológicas (2020)⁵.

2. Cartografia, desconstrução e cidade

Cartografia, Desconstrução e Cidade foi a primeira ação educativa da escola. O curso foi idealizado e ministrado por Celma Paese e aconteceu durante o isolamento social da primeira onda do COVID-19, em julho de 2020, em formato de ateliê aberto síncrono, com alunos de diversos estados brasileiros. Durante os quatro encontros realizados, o grupo de quinze alunos trocou experiências sobre como passaram a lidar com as relações de acolhimento com a arquitetura da cidade do entorno imediato de suas casas, naquele contexto extraordinário. Para a construção da narrativa, utilizaram a metodologia da Cartografia da Hospitalidade⁶,

³ <https://www.youtube.com/watch?v=kS0zLoL07p4> acesso em 27/07/2022

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=CqGbspi37aU> e <https://www.youtube.com/watch?v=bgs7wiw1Vn4> acesso em 27/07/2022

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=kS0zLoL07p4> acesso em 27/07/2022

⁶ Cartografia da Hospitalidade é um coletivo de pesquisa urbano independente, nascido de projeto de pesquisa homônimo, desenvolvido durante o estágio pós-doutoral da primeira autora desse artigo, no PPGAU/Mestrado Associado Uniritter-Mackenzie

adaptada ao contexto síncrono. O resultado da troca de experiências foi um conjunto de cartografias sensíveis, onde cada aluno reconheceu e representou a paisagem psicossocial imediata que o acolhia naquele momento, do modo que a percebia.

Partiu-se de uma base teórico-bibliográfica, indicada para ser estudada em ambiente fora do horário síncrono, onde publicações específicas para cada encontro fundamentavam os debates e as práticas de criação da Cartografia da Hospitalidade (PAESE,2018) do entorno da casa de cada um. Em um primeiro momento, os participantes foram convidados a percorrer a pé o entorno de suas casas na forma que se sentissem mais seguros e, posteriormente, registrar a experiência, criando uma cartografia do entorno de suas casas no my maps. Partindo dessa primeira referência, foi criada individualmente a cartografia imagética-textual da hospitalidade, que seguiu as seguintes instruções:

- a) Desmonte e reconstrua o mapa cartesiano a partir do tema da hospitalidade estudado e das ideias trocadas em aula;
- b) Construa uma imagem acompanhando um pequeno texto explicativo que componha, junto com a imagem criada, a 'Cartografia da Hospitalidade do entorno da minha casa';
- c) Use o programa de imagem que se sentir mais à vontade, ou trabalhe com *collage*, pintura, desenho e fotografe.

3.1 As cartografias

A seguir, mostraremos as imagens de sete cartografias que selecionamos das quinze realizadas nas diferentes cidades brasileiras, onde os discentes-participantes do curso habitam e vivem seus sonhos. Escolhemos as Cartografias da Hospitalidade de São Geraldo (MG); Goiânia (GO); São Luis (MA); Salvador (BA); Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS) Pelotas (RS). Um breve resumo sobre o curso e as imagens (figuras 1,2,3,4,5,6,7) das cartografias de todos os alunos participantes foram publicadas na Revista Píxo (2021), em forma de "Parede Branca", sem os textos que as completam. Os textos das cartografias pertencem ao acervo da Aescoa. Boa viagem Brasil afora!

(2017-2019). Sua metodologia desenvolve investigações sobre as relações entre a arquitetura da cidade e seus usuários, criando e experimentando cartografias subjetivo-afetivas, de política inclusiva. Essas agem como dispositivos de abertura às possibilidades de percepção, reconhecimento e representação de sujeitos e eventos não acolhidos pelas representações convencionais. São cartografias sensíveis que objetivam trazer a crítica social para o campo da representação, utilizando diferentes mídias para representar as espacialidades observadas, criadas pelos eventos humanos que as arquiteturas da cidade acolhem. Dessa maneira, busca-se somar aos estudos em Arquitetura e Urbanismo o reconhecimento da dimensão da complexidade e a urgência do resgate da coexistência entre diferentes formas de vida nos espaços públicos. Os produtos de cada oficina ou ação cartográfica são registros em mídias sociais, produção de artigo científico e outras publicações. Ver em: PAESE, Celma; MARIANO, Gabriela; MOREIRA, Lizandra. Cartografia da Hospitalidade. Salvador: V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura – ANAIS, 2018, p. 1551-1563, 2018. <repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27744> Último acesso em 21 de julho de 2022.

Aluno 1 – São Geraldo, MG

“A casa é considerada por muitos um local de afeto e de encontros, responsável pela efetivação do cerne da própria arquitetura, a partir da organização espacial do ambiente físico construído. Essa realização permeia o sentimento do indivíduo para compreender a configuração dos relatos sociais na vivência humana, e a compreensão dos rumos diversos da formação da cidade. A casa é um alívio para os pensamentos e reflexões cotidianas do descanso da alma.

É muito importante validar todo o processo de construção do indivíduo, que por meio do senso crítico, é capaz de desenvolver a percepção humana dos laços afetuosos com seu entorno. O afeto parte desse conúbio com o sentimento de pertencimento do morador, sendo cirúrgica no insight da formação desse complexo arquitetônico chamado cidade.

Mas a cidade representa todos os moradores? É possível atender todas as camadas sociais? Podemos desenvolver a cidade de modo inteligente? A percepção tem causa efeito direto na formação da cidade? Nesta contenda, vale ressaltar que a cidade precisa, de forma holística, atender todos os indivíduos que nela habita. Porque o habitar vai muito além do que morar. Porque o habitar é sentimento de amor, de partilha, de compaixão, de pertencimento, de autonomia, de valor. Valor esse imensurável, porque a nossa casa sempre será o nosso canto no mundo.

A cidade é movimento. E nesse elo giratório, precisamos saber qual é o sentimento que nos permeia para essa roda girar. O dissenso acontece pela falta de compreensão no escutar do indivíduo, que por muitas vezes, é silenciado pelo seu próprio eu. A preocupação, a falta de segurança, o déficit do habitar e o medo também compõe esta roda dentada. O certame físico e mental também disserta sobre essas modulações na composição da cidade.

A cartografia da hospitalidade de São Geraldo surge da demanda de compreender os aspectos morfológicos, étnicos, raciais, de classe e economia. Esse desejo permeia ainda mais quando falamos de afeto.

O afeto te afeta?



Nesta contenda, vale ressaltar que a cidade precisa, de forma holística, atender todos os indivíduos que nela habita. Porque o habitar vai muito além do que morar. Porque o habitar é sentimento de amor, de partilha, de compaixão, de pertencimento, de autonomia, de valor. Valor esse imensurável, porque a nossa casa sempre será o nosso canto no mundo.

A cidade é movimento. E nesse elo giratório, precisamos saber qual é o sentimento que nos permeia para essa roda girar. O dissenso acontece pela falta de compreensão no escutar do indivíduo, que por muitas vezes, é silenciado pelo seu próprio eu. A preocupação, a falta de segurança, o déficit do habitar e o medo também compõe esta roda dentada. O certame físico e mental também disserta sobre essas modulações na composição da cidade.

A cartografia da hospitalidade de São Geraldo surge da demanda de compreender os aspectos morfológicos, étnicos, raciais, de classe e economia. Esse desejo permeia ainda mais quando falamos de afeto.

O afeto te afeta?

Esse sentimento de fazer parte do lugar deve ser conclusivo pelo o indivíduo. A representação do que afeta, do amor às barreiras, devem ser esboçadas para entender a totalidade e complexidade do local que nos representa. E esse mapa é resultado de um sentimento incalculável, porque assim sendo, podemos conceber cidades generosas.

GENEROCIDADES.

Cartografar as relações do indivíduo com sua cidade se faz necessário quando o hiato civilizatório é expressivo na afetividade humana.

Nesta perspectiva, a humanização do afeto precisa ser pautada pela compreensão, diálogo, reflexão e democracia. Assim como uma guia balizadora, a cidade é o conjunto de sentimentos para o indivíduo, capaz de modificar toda a paisagem urbana.

Com amor,”

Figura 1: Imagem da Cartografia da Hospitalidade do Aluno 1



Fonte: acervo da Aescoa

3.2 Aluno 2 – Goiânia, Setor leste de Vila Nova, GO

“Fazer a deriva pela cidade na pandemia é como ouvir um samba antigo, carrega um tanto de amor, um tanto de sofrimento e um tanto de dor. O vazio entre as batidas é preenchido pelos diferentes, a quitanda que confronta as grandes redes de supermercado, as mesmas redes que tentam apagar uma ferida da história na cidade, um domingo no parque feito a partir de um mutirão, a modernidade que é confrontada pelo tempo dos coletores de recicláveis, o sagrado frente-a-frente com o profano e um bandeirante em sua centralidade que não representa a diáspora para formação dessa cidade.”

Figura 2: Imagem da Cartografia da Hospitalidade do Aluno 2



Fonte: acervo da Aescoa

3.3 Aluno 3 – Brasília, DF

“Breves considerações sobre a hospitalidade na cidade contemporânea:

Tudo acontece nas cidades: elas representam o cenário onde narrativas são semeadas e, memórias humanas, colhidas. Por trás da concepção de uma cidade há o desejo de socialização e encontro; logo, a aglomeração de pessoas seria uma das *raisons d'être* da arquitetura. Sem tais relações sociais, a vida possivelmente tornar-se-ia monótona e desinteressante.

Tanto embora a cidade seja basicamente concebida para favorecer a interação humana, no início do séc. XX foi iniciado um movimento de certo modo segregacionista na arquitetura, encorajado por determinadas classes sociais e cujo produto podemos ver hoje nos condomínios horizontais fechados, pequenas ilhas muradas dentro do rico e complexo oceano que configura as cidades contemporâneas brasileiras. Esses espaços privados realçam a exclusão e resguardam relações de poder na tentativa de afastar aquilo que é diferente. A questão da diferença no pensamento do filósofo argelino de origem judaica Jacques Derrida (1930-2004) está ligada à questão da hospitalidade, em que há um hospedeiro, aquele que exerce o poder e recebe o estrangeiro, e um hóspede, aquele que é recebido. Para Derrida, no entanto, o termo hospitalidade (do latim *hostis* + *pets*) encerra uma ambiguidade: *hostis* (“estranho”, “inimigo estranho” (*hostilis*) ou ainda “estrangeiro”) ora é acolhido como hóspede, ora como inimigo; já *pets* (*potis*, *potes* ou *potentia*), conforme Solis (2009, p. 151-3), indica “poder”.

De acordo com Paese (2016, p. 64), o espaço de hospitalidade nasce com o reconhecimento do universo daquele que chega, e a construção desse novo universo depende da qualidade do acolhimento oferecido: para o hóspede sempre existem as “normas da casa”, que são as leis da hospitalidade reguladas pelo hospedeiro, que zela pelo cumprimento destas para que não haja abuso da hospitalidade oferecida e o hóspede não passe a ser visto como inimigo (nesse caso, teríamos a hostilidade). De qualquer modo, para Derrida a palavra hospitalidade significa reconhecer, não importa se de modo hostil ou amoroso. Nesse sentido, o autor aponta que não há hospitalidade incondicional, e sim diferentes níveis de hospitalidade, isto é, a hospitalidade e o bom acolhimento associados à hostilidade. Paese (2016, p. 22) também aponta que a hospitalidade é entendida como sinônimo de acolhimento na obra de Derrida. Se, para o autor, o que importa é o reconhecimento, então reconhecer é acolher, o que abre espaço para possibilidades de desenvolvimento de relações humanas e sociais em diferentes níveis e sentidos (Ibidem, 2018).

Na contemporaneidade (e, portanto, nas cidades contemporâneas) devemos reconhecer e abraçar as diferenças: “Digamos sim ao que

chega, antes de toda determinação, antes de toda antecipação, antes de toda identificação [...]”, declara Derrida (2003, p. 69). Este reconhecimento (acolhimento) seria, portanto, um modo de resistir à tendência segregacionista contemporânea iniciada na modernidade, que insiste em marginalizar o diferente, torná-lo inimigo e invisibilizar o que a priori não deveria ser visto. Como consequência desse processo podem ser verificadas, em muitas cidades atuais, relações sociais forjadas em configurações excludentes, que subvertem o sentido original da arquitetura de abrigar, integrar e reunir.”

Figura 3: Imagem da Cartografia da Hospitalidade do Aluno 3



Fonte: acervo da Aescoa

3.5 Aluna 5 – Bauru, SP

“Com conceito segurança, privacidade e lazer, as empresas da construção imobiliária lançam loteamentos fechados como grandes fortalezas nos entornos das cidades.

Em verdade, o que essa tipologia de moradia esconde são ruas e espaços de encontro privados, isolados do conceito real de cidade e com grande especulação imobiliária (dentro e fora de seus muros).

Dentro do loteamento, a prioridade é dos carros. As ruas são largas e as garagens ocupam quase toda a arquitetura das fachadas. Ciclistas e pedestres buscam algum conforto ou segurança na disputa por esse espaço. A rua é mais confortável que a calçada. O ciclista, apesar de tanto espaço, não tem seu lugar. O trabalhador que chega (o diferente) é hostilizado desde a portaria até seu destino, um longo caminho a percorrer sozinho até seu local de trabalho.

A conexão do loteamento com a cidade, obedece minimamente às leis municipais. Mas essa via de ligação deveria ser um espaço melhor explorado para atender prioritariamente pedestres, ciclistas e transporte público. E ir um pouco mais além: ser destinado mais espaço para equipamentos urbanos e comunitários, que possibilitassem encontros com diferentes pelo ao menos ao redor dos muros...e como forma de compensação à cidade por tamanha segregação.”

Figura 5: Imagem da Cartografia da Hospitalidade da Aluna 5



Fonte: acervo da Aescoa

3.6 Aluna 6 – Florianópolis, SC

“Foi de um dia para outro que minha vida mudou da água para o vinho. Um dia estava em Cuiabá-MT e no outro já estava morando em Florianópolis-SC. Pude sentir na pele o que é ser uma estrangeira em um território desconhecido. Me sentia livre, mas presa a um território desconhecido. Tinha uma vontade imensa de sair andando a esmo como Careri (2017), e desvendar aquele território às vezes inóspito, às vezes pulsante.

Mapeei o território de minha vizinhança até a UFSC, com a intenção de conhecer e identificar suas nuances e meandro. Mas aqueles caminhos ainda me pareciam labirintos, precisava de tempo para entender sua arquitetura, seus processos e sua construção histórica. Como diz Derrida (2008), “o lugar não se constitui”, é preciso “dar lugar”, ou seja, é preciso viver, experimentar o espaço para que um dia ele se torne um lugar para mim.

Após um ano morando nesta “Ilha da Magia”, este território se tornou um lugar para mim, um lugar que faz parte de minha história e eu de sua história. Um lugar que hoje me é estranhamente família, pois me faz rememorar minha infância no Boa Esperança de 20 anos atrás. Este território me desconstruiu e eu o desconstruí, através do meu olhar.”

Figura 6: Imagem da Cartografia da Hospitalidade da Aluna 6



Fonte: acervo da Aescoa

3.7 Aluna 7 – Porto Alegre, RS

“MEU LUGAR: O meu lugar no mundo. Meu recanto, aonde eu escolhi viver.

SABER: O mundo lúdico do saber, do aprender, da leitura, da viagem para um mundo que está por vir.

RESPIRA: O pulmão que oxigena a cidade, o verde que traz vida.

?: O que antevém? O que está por vir?

RUÍDO: O ruído, a aqui é onde a cidade formal acontece. Escuta.

FIM: O fim? A curva? O recomeço. Para onde eu vou? Não vejo nada.

O cruzamento...o perigo. Será o fim? Para onde eu vou?

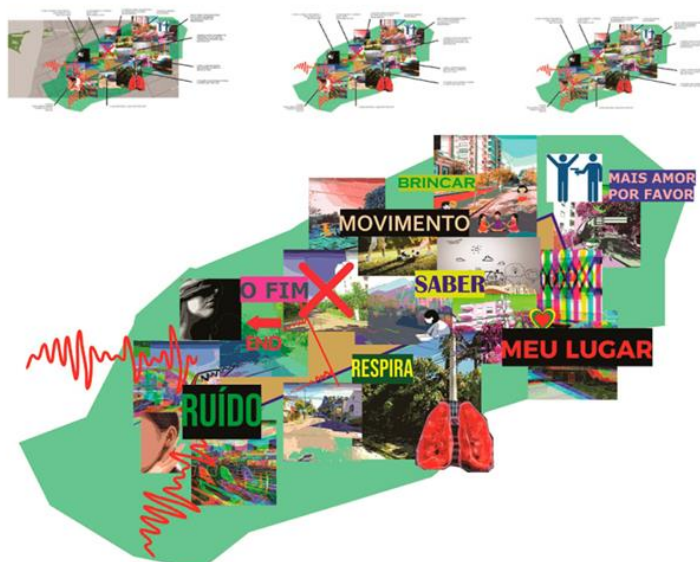
MOVIMENTO: Lugar de lazer, do exercício...da liberdade do corpo em movimento.

BRINCAR: Lugar de criança, de diversão.

MAIS AMOR, POR FAVOR! Aqui é onde a dura realidade volta a nos assombrar. Voltamos ao ponto de insegurança. Medo!

O lugar no mundo, que eu escolhi viver, é meu recanto. Onde à sua volta tem um mundo lúdico do saber, do aprender, da leitura, da viagem para um mundo que está por vir. Neste lugar também tem um pulmão que oxigena a cidade, o verde que traz vida. Mas assim que se passa o lugar sem identidade, que antevem o que eu não sei...vem o ruído. O ruído aqui é onde a cidade formal acontece. Pare...e escuta. E depois vem o retorno que começa no fim? A curva? Para onde eu vou? Não vejo nada. O cruzamento...o perigo. Será o fim? Para onde eu vou? Nesse meu pequeno mundo também tem lugar de lazer, do exercício...da liberdade do corpo em movimento. Tem lugar de criança, de diversão. Mas infelizmente também tem a dura realidade volta a nos assombrar. Voltamos ao ponto de insegurança. Medo! E então eu volto para casa, o meu porto seguro.”

Figura 7: Imagem da Cartografia da Hospitalidade da Aluna 7

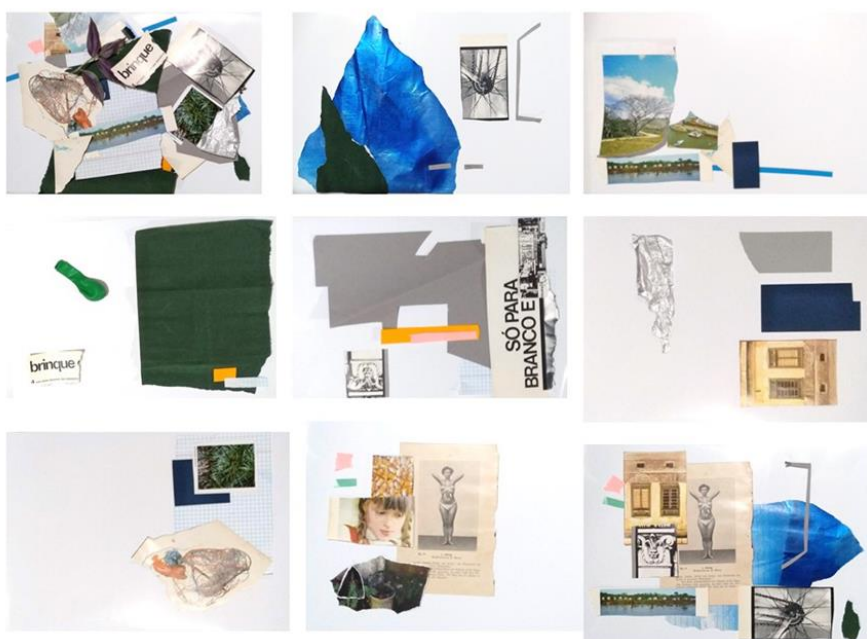


Fonte: acervo da Aescoa

3.8 Aluna 8 – Pelotas, RS

“Estou dentro de casa. E daqui revisito meu circuito, de novo. Faço mapa .gif. Assim como a janela, que é a mesma todo dia mas mostra incontáveis paisagens. Agora não com foto, mas com o sentimento, parto. Rememorando o que punge e faz contar sobre o que sinto. Quero desconstruí-lo. Uso minhas mãos como tesoura e me debruço sobre inúmeros livros pra recompor um trajeto, nem sempre igual. Me proponho a ir, de lugar para lugar, colocando. Não passo cola, mas colo, com os olhos e com a imagem. Acho que como a volta de bicicleta, quero um mapa vagante. Pego a mochila e subo. Passo pela ponte, onde há paisagem. Lembro do tempo em que era só céu e eu, e nós. Sinto o sol tocar minha pele. Sigo para o quadrado lugar de tanto, de tantos. De água, de luz, de vento e de barco. Me volto pra pequena grande paisagem, que emoldura às pequenas casinhas de pescador. Chego à praça da caixa d’água, e vejo as crianças brincando, jogando bola. Gosto do quase nada, e do verde. Gosto dessa liberdade. Chego no centro. Onde tudo se esvai. Quadrícula. Vejo gente, mas não é bem gente. Nada me pertence. Pego a reta e chego no motivo. Na ânsia, onde me fiz arquiteta e urbanista. Entro e saio, e sinto. Chego em casa. E rememoro. Meu corpo é minha morada. Daqui, olhando o papel, posso montar incontáveis mapas. De incontáveis dias, que tenho em mim. Visito hostilidade, mas me agarro no acolhimento. Gosto de pelotas. E gosto de me jogar. Gosto do emaranhado. Mas talvez seja hora de arrumar a mala.”

Figura 8: Imagem da Cartografia da Hospitalidade da Aluna 8



Fonte: acervo da Aescoa

3.9 Concluimos que:

Sobre o curso, Paese (2021) conclui que são os encontros, ações e percepções humanas que constroem subjetividades coletivas, acolhendo os diferentes modos de habitar a arquitetura da cidade. Em tempos de pandemia, a cidade é segura, quando vista da janela. A imaginação voa, enquanto o olhar e as lembranças de outra vida convidam a flamar pelo bairro querido, palco de um cotidiano em mudança. Caminhamos pela rua da casa, casa da cidade dos afetos, onde os caminhos acolhem memórias e encontros; amores e dores; descobertas e encantos. Na dança dos encontros e reencontros, o novo e o velho contaminam-se, enquanto se permeiam, acolhendo-se.

A escola acabou com o final da pandemia, por inadaptabilidade à realidade da crise que se apresentava. Talvez seus criadores a retomem, em outro formato, evoluindo a ideia do que foi um respiro para um momento em que as trocas possíveis aconteceram de forma improvável.

Referências:

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. São Paulo: Ed. Escuta, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática educativa. [12ed] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999

Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Disponível em:

<https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf>
acesso: 25 de julho de 2022.

PAESE, Celma. **Contramapas de acolhimento**. 2016. 328 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PAESE, Celma. **O acolhimento na arquitetura da cidade**. Uma visão a partir do pensamento de Jacques Derrida. *Arquitextos*, São Paulo, ano 19, n. 220.00, Vitruvius, set. 2018. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.220/7120>>. Acesso em 24 jul. 2020.

PAESE, Celma; MARIANO, Gabriela; MOREIRA, Lizandra. **Cartografia da Hospitalidade**. Salvador: V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura – ANAIS, 2018, p. 1551-1563, 2018. <repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27744> Último acesso em 21 de julho de 2022.

PAESE, Celma (org.). **Cartografia, desconstrução e cidade: uma ação educativa virtual cartográfica-afetiva**. Pixo: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade. Pelotas, 2021: FAURB UFPEL, V. 5., N.16, p. 214-229. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/issue/view/1005/showToc> acesso: 25 de julho de 2022.

SOLIS, Dirce Eleonora. **Desconstrução e arquitetura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro, 2009: Uapê Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas.

Links do YouTube:

A experiência da Casa Rosa: <https://www.youtube.com/watch?v=kS0zLoL07p4> acesso em 27/07/2022

1 e 2 Fazer Patrimonial: <https://www.youtube.com/watch?v=CqGbspi37aU> e <https://www.youtube.com/watch?v=bgs7wiw1Vn4> acesso em 27/07/2022

Seminário Perspectivas Contemporâneas Para O Ensino De Arquitetura: <https://www.youtube.com/watch?v=kS0zLoL07p4> acesso em 27/07/2022